

Produção de Bovinos - Tipo Carne

Miryelle Freire Sarcinelli¹ (e-mail: miryelle@hotmail.com.)

Katiani Silva Venturini¹ (e-mail: katiani_sv@hotmail.com.)

Luís César da Silva² (website: www.agais.com)

1 INTRODUÇÃO

Há 6000 anos atrás o gado começou a ser domesticado, servindo como animal de carga ou fornecendo carne, leite e couro, sendo este pouco usado na alimentação. O animal era utilizado como alimento apenas se o mesmo morresse ou não fosse mais útil para carga ou para fornecer leite. A bovinocultura foi introduzida no Brasil na época da colonização, quando os colonizadores trouxeram nos navios animais que serviriam para transporte e alimentação e no final de 2005 a bovinocultura brasileira era praticada em 4 milhões de propriedades rurais, envolvendo 200 milhões de cabeças, 28 milhões das quais foram abatidas em frigoríficos oficiais para consumo interno e exportação e mais cerca de 10 milhões tiveram outro tipo de abate (38 milhões foi o número de peles bovinas processadas nos curtumes brasileiros). Em 2006 o Brasil tornou o maior produtor (8,5 milhões de toneladas de carcaças) e maior exportador de carne bovina. A produção de leite comercializado sob supervisão oficial foi de 16 milhões de litros. A criação de gado comercial tem com principal objetivo a produção de carne bovina de qualidade para a alimentação humana, além de fornecer matéria-prima para a indústria farmacêutica, de cosmético, de calçado, de roupas, de rações, entre outras.

A carne bovina por ser largamente consumida nas mais diversas partes do mundo, principalmente nos países de origem latina, é vendida em cortes, bifes, moídos. Cada corte recebe o nome oriundo da carne extraída de determinadas regiões do boi/vaca.

2 BOVINOCULTURA DE CORTE

De maneira simples e direta, as raças bovinas de interesse para produção de carne no Brasil podem ser classificadas como raças européias da subespécie *Bos taurus taurus*, e raças indianas da subespécie *Bos taurus indicus*.

As raças européias podem ser separadas assim: a) raças européias adaptadas ao clima tropical, como a Caracu; b) raças européias britânicas, como a Angus e a Hereford, e

¹ Bolsista do Programa Institucional de Extensão

² Professor do Centro de Ciências Agrárias da UFES

c) raças européias continentais, como as francesas Charolês e Limousin, as suíças Simmental e Pardo Suíço, ou as italianas Marchigiana e Piemontês.

As raças de origem india, do grupo Zebu, bem conhecidas no Brasil têm uma participação decisiva no desenvolvimento da pecuária tropical, são por ordem de importância histórica, a Gir, a Guzerá e a Nelore. As raças Indubrasil e Tabapuã, embora sejam do grupo Zebu, não são indianas porque foram formadas no Brasil. É o caso também da raça Brahman, que foi formada nos Estados Unidos, a partir de cruzamentos entre raças indianas.

3 CARACTERÍSTICAS COMUNS ÀS RAÇAS BOVINAS DE CORTE

Animais para corte têm que ter o corpo em forma de um bloco compacto, largo, profundo e moderadamente comprido. Deve ser tão liso quanto possível na união das diversas regiões, sem salientes nas espáduas, sacro e base da cauda; sem depressões no cilhadouro e flancos; sem ser barrigudo bem proporcionado nas suas diversas partes, locomovendo-se com facilidade.

A linha superior deve ser direita, larga e bem musculada desde o pescoço até a cauda. O quarto anterior deve ser largo, profundo cheio e visto de frente deve apresentar bom espaço entre os membros e o quarto posterior deve ser comprido, largo e profundo. O corpo tem a forma de um paralelepípedo ou de um cilindro, segundo a raça ou forma no contorno um paralelo, com os quartos dianteiros e traseiros igualmente desenvolvidos. A pele deve ser solta e deve revelar uma musculatura macia e elástica à palpação. A pelagem é variável segundo a raça, com couro de média espessura, em geral, macio e elástico, bem coberto de pêlos finos e sedosos.

Os animais devem ter peso entre médio ou grande, e ossatura média. Raças pequenas não são satisfatórias para esta finalidade, devem ser de estatura de preferência baixa, sem prejuízo do peso. A cabeça média, preferindo-se curta, seca, larga entre os olhos, coberta de pelos finos; chanfro moderadamente fino, com focinho largo e narinas grandes; olhos grandes e plácidos; chifres ausentes ou nunca grosseiros; orelhas médias, antes largas que longas, nem relaxadas nem muito alertas, bem cobertas de pêlos.

Normalmente os animais machos possuem o pescoço de médio a curto, maior e mais fino na fêmea, bem unido com a cabeça, alargando-se e aprofundando-se gradualmente para trás de maneira a unir-se insensivelmente com as espáduas. O garrote possui, dorso e lombo, largos, musculados; nivelados; ancas cheias, garupa bem cheia em toda a extensão, longa e larga; cauda grossa na base, afinado-se para a extremidade, saindo em nível com a garupa e formando um ângulo reto. Peito cheio e largo, alto; ponta do peito arredondada e tórax amplo; espáduas bem desenvolvidas, não proeminente, cheias e

bem unidas na frente e atrás; costado moderadamente longo, com costelas compridas, arredondadas, bem cheias de carne, mesmo no cilhadouro; ventre bem sustido, com a linha inferior direta, sendo as fêmeas mais barrigudas posterior profundo, cheio e espesso; nádegas bem descidas até o curvihão e espessas tanto do lado de dentro como de fora.

O braço e antebraço largos, carnudos até o joelho; coxa e perna largas, afinando graciosamente para o curvihão; mocotós médios ou preferivelmente custor, finos, mas fortes, bem aprumados e afastados. Ossatura regular, porém densa.

4 RAÇAS PARA CORTE

As condições climáticas do local onde deseja instalar sua produção, os recursos disponíveis pelo proprietário, presença ou ausência de mão de obra de boa qualidade, entre outros fatores interferem na escolha da raça para produção de carne, pois existem raças adaptadas a cada situação, a cada região, lembrando que de nada adianta ter a melhor raça produtora de carne se dentro de sua criação não é tomado todos os cuidados necessários, com um bom manejo nutricional, sanitário e reprodutivo. Com a escolha correta da raça e cuidados com sua produção, consegue-se atingir retorno lucrativo.

4.1 Nelore (Figura 01)

A raça é originária da Índia. O primeiro registro de nelore no Brasil aconteceu em 1868 quando um navio, que se destinava à Inglaterra, ancorou em Salvador com um casal de reprodutores a bordo: estes acabaram sendo comercializados. Aos poucos a raça foi se expandindo. Hoje o nelore está presente em todos os confinamentos do país e é a principal raça utilizada para cruzamentos industriais.

A raça Nelore é essencialmente produtora de carne. Dentre as variedades trazidas da Índia, é a que vem sofrendo mais seleção, objetivando a obtenção de novilhos para corte. Tem a seu favor uma boa conformação, cabeça pequena e leve, ossatura fina e leve, e alcança bom desenvolvimento. Os bezerros Nelore são sadios, fortes, espertos e, horas depois do parto, já se deslocam com o rebanho. O Nelore pode oferecer carcaças com 16,5 arrobas, aos 26 meses de idade e rendimento de 50 a 55%, quando alimentado em pastagem. É um animal rústico, suporta bem as condições climáticas do país, é bem resistente a endo e ectoparasitos, além de ser resistente a doenças. Possuem um intervalo entre partos maior que os animais da raça européia e tem puberdade tardia. Os animais se destacam pela maior superfície corporal, em relação ao seu peso, o que significa uma área maior para irradiação do calor. Um fator importante é o baixo nível de metabolismo: alimenta-se menos e por isso gera menos calor.



FIGURA 01 - Exemplar da raça Nelore (crédito: <http://www.cnptia.embrapa.br>)

A raça é difundida em todo país e sua concentração é na região Centro-Oeste, onde tem produtividade intensa. As fêmeas parem com extrema facilidade; criam os bezerros e continuam produzindo até os 20 anos de idade. É uma raça rústica, fértil, prolífera, longa vida reprodutiva e resistente às doenças comuns nessa região. As vacas têm boa habilidade materna, com inclinação natural na garupa, além de uma boa angulosidade e boa abertura pélvica, que facilita o parto e elimina a incidência de partos difíceis. Possuem uma excelente conversão alimentar.

O nelore tem pelos curtos, finos e lisos que auxiliam na eliminação do calor. A pelagem branco-cinza, e a pele preta apresentam um conjunto de propriedades físicas de refletir, absorver, irradiar e filtrar as diversas radiações solares dos trópicos. É um animal que possui bons aprumos, cascos e ligamentos firmes, umbigo curto, vergalho bem direcionado, com testículos largos, bem conformados e curtos.

4.2 Guzerá (Figura 02)

É uma raça originária da Índia, sendo uma das maiores, caracterizada por ser produtiva de carne e também mostra-se adaptada ao gado de leite e de trabalho. Eles possuem pelagem cinzenta prateada, quase preta com tonalidades variadas e pode atingir 600 kg (fêmeas) e 900 kg (machos).

O gado Guzerá já esteve a ponto de desaparecer no Brasil, mas graças a alguns criadores, tomou forças sendo hoje a terceira raça zebuína com maior número de animais no Brasil. A raça guzerá tem núcleos expressivos de criação no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Norte e Nordeste, sendo entre as raças zebuínas, uma das mais difundidas. Seu chifre em forma de arpa, é utilizado para a confecção dos famosos berrantes dos boiadeiros.



FIGURA 02 - Exemplar da raça Guzerá (créditos: <http://www.lageado.com.br>)

Apresenta boa rusticidade, resistência a parasitas, alta capacidade de caminhar longas distâncias em busca de água e de alimentos. Podem ser criados em pastagens relativamente grosseiras. Possuem boa habilidade materna, bom rendimento de carcaça e precocidade são as principais características da raça Guzerá. Além disso, ela é indicada para o cruzamento com raças européias na geração de F-1.

4.3 TABAPUÃ (Figura 03)

Esse gado se assemelha bastante ao Brahman quanto à sua composição racial. É predominantemente Nelore, com algumas características do Guzerá. A raça recebe este nome devido ao município em que se formou. É a primeira variedade zebuína mocha.

É crescente o aumento do interesse pelo gado mocho em face às vantagens que apresenta na estabulação e transporte. Os criadores não estão preocupados com características raciais super valorizadas, como ocorreu com outras raças. Por isso, tal melhoramento tem caráter estritamente econômico, ou seja, preocupa-se apenas em desenvolver um animal com maior precocidade, ganho de peso e rendimento de carcaça. Alguns criadores procuram orientar a seleção visando uma raça de dupla aptidão. Como produtor de carne, o mocho já tem demonstrado seu potencial nas provas de ganho de peso.



FIGURA 03 - Exemplar da raça Tabapuã (Créditos: <http://www.zebuonline.com.br>)

O tabapuã vem sendo criado com sucesso em quase todos os Estados do Brasil. É a raça zebuína que mais cresceu nos últimos 10 anos (1988 a 1997), tanto nos registros genealógicos de nascimento (RGNs), como também nos registros genealógicos definitivos (RGDs), mostrando que os criadores estão realmente satisfeitos com o desempenho da raça atualmente considerada como uma das melhores para produção de carne em menor tempo, fazendo jus ao título de 'O Zebu Mais Precoce'.

Ele tem excelente ganho de peso é um animal com extrema docilidade, fertilidade, precocidade reprodutiva, boa conformação frigorífica e uma excelente habilidade materna, ou seja, vacas precoces, férteis e amorosas que criam bem os bezerros, os quais atingem

melhores pesos na desmama dentre todas as raças zebuínas. É altamente produtivo no regime de confinamento e de semiconfinamento.

4.4 Gir (Figura 04)

De origem indiana, é uma raça de dupla aptidão, voltada ao mercado de carnes e produção de leite. Seleções vêm sendo feitas, dando resultados ótimos na produção de leite. No passado, muitos criadores deram importância exclusiva a caracteres raciais, de menor importância econômica; depois, evoluíram para a seleção de rebanhos e linhagens com maior capacidade produtiva, tanto para carne como para leite.

Com caracterização racial bastante peculiar, o gir se distingue pela pelagem vermelha ou amarela em combinações típicas da raça: gargantilha, chitada, rosilha e moura, sempre sobre pele bem pigmentada. O perfil craniano ultraconvexo (com fronte larga, lisa e proeminente) e marrafa bem jogada para trás (onde nascem os chifres de seção elíptica, achatada, grossos na base, saindo para baixo e para trás), completam com detalhes o padrão racial do gir. Possui natureza gregária e o temperamento dócil que contribuíram para expansão no Brasil. As crias nascem com um pequeno peso, o que não provoca problemas de parto. O peso médio ao nascer é de 24 kg para fêmeas, e de 26 kg para os machos, não obstante apresentem bom desenvolvimento e terminação rápida, desde que criados em um sistema de alimentação adequado.



FIGURA 04 - Exemplar da raça Gir (crédito: <http://www.braziliancattle.com.br>)

Em alguns rebanhos a produção é regular em regime de semi-estabulação. Quando adulto, atinge cerca de 500 kg nas fêmeas e 800 kg nos machos. Um grande defeito no Gir é o prepúcio muito baixo, favorecendo o aparecimento de feridas, podendo inutilizar o reprodutor.

5 SISTEMA DE CRIAÇÃO PARA GADO DE CORTE

O Brasil possui um dos maiores rebanhos bovinos do mundo, tem como principal vantagem o fato de possuir grandes áreas de terras com baixo custo e clima favorável,

enquanto países ricos enfrentam custo de produção elevados por causa de condições climáticas adversas, alto preço das terras e elevada remuneração da mão-de-obra. Apesar disso, o Brasil não se destaca como grande produtor de carne porque o sistema de criação extensivo adotado e a sazonalidade das chuvas não favorecem as pastagens durante o ano todo. Com isso, o gado ganha peso no período das chuvas e perde na seca. O confinamento para complementação das pastagens pode ser vantajoso nas épocas de seca, ao manter constante o crescimento e engorda dos animais e conseguir maior produtividade do rebanho.

5.1 Sistema extensivo

O sistema extensivo de criação de gado de corte adota algumas benfeitorias semelhantes àquelas usadas na criação de gado de leite, como curral de manobra, cercas para pastos ou piquetes, cochos e bebedouros.

Alguns criadores de gado misto (de corte e leite) pelo sistema extensivo adotam os mesmos tipos de benfeitorias usadas na criação de gado leiteiro no sistema extensivo (estábulo de ordenha, curral de espera, curral de manobra, cochos para forragens e para minerais, esterqueiras, piquetes de pastagens com bebedouros e saleiros), pois o leite é outra fonte de renda, apesar da baixa produção.

5.2 Sistema intensivo

O confinamento de bovinos de corte tem sido cada vez mais adotado pelos pecuaristas porque permite aumentar a produção de carne no período de entressafra, quando o preço do boi é maior.

O investimento inicial para a implantação do confinamento é mais elevado que na criação extensiva, mas as vantagens econômicas geradas possibilitam um retorno rápido do capital aplicado, como resultado de vários fatores: aumento da produtividade por área, maior ganho de peso em períodos menores, melhor controle sanitário e uso criterioso de mão de obra. Além disso, o confinamento pode ser usado em pequenas propriedades, racionalizando o uso da terra e evitando desmatamentos ou exploração inadequada do solo.

Os animais criados no sistema de confinamento apresentam maior desempenho produtivo, geralmente são animais de melhor genética e recebem uma alimentação balanceada.

6 REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Criadores de Tabapuã. **História da Raça**. Londrina. Disponível em: <http://www.argen.com.br/historiaracas.asp>> Acesso em 14/05/2007.

Associação Brasileira de Criadores de Zebu. Minas Gerais. Disponível em: <http://www.vivernocampo.com.br/> > Acesso em 11/05/2007.

CARDOSO, E. G. **Engorda de bovino em confinamento**. Campo Grande: EMBRAPA – CNPGC.1996.

Catálogo de Zebuíños. Disponível em: [http:// www.zebuonline.com.br](http://www.zebuonline.com.br)> Acesso em 13/05/2007.

Diferença entre Bos Taurus e Bos Indicus. Disponível em: <http://marruco.sites.uol.com.br/diferenca.html>> Acesso em 14/05/2007.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <http://www.cnptia.embrapa.br> > Acesso em: 12/05/2007.

Equipe de bovinocultura de corte/FZEA-USP. **Raças e cruzamentos de bovinos de corte**, 2003. Disponível em: <http://www.criareplantar.com.br/> > Acesso em 11/05/2007.

Fazenda Lageado. São Paulo. Disponível em: <http://www.lageado.com.br>> Acesso em:11/05/2007.

Galeria de fotos. Disponível em: [http:// www.braziliancattle.com.br](http://www.braziliancattle.com.br)> Acesso em:12/05/2007.

PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. **Confinamento de bovinos de corte**. FEALQ, Piracicaba 1993.

PEIXOTO, A.M.; MOURA, J.C.; FARIA, V.P. **Bovinocultura de corte**. FEALQ, 1999.

SANTOS R. **Nelore a vitória brasileira**. Uberaba, M.G. ; Editora Agropecuária Tropical, 1995.